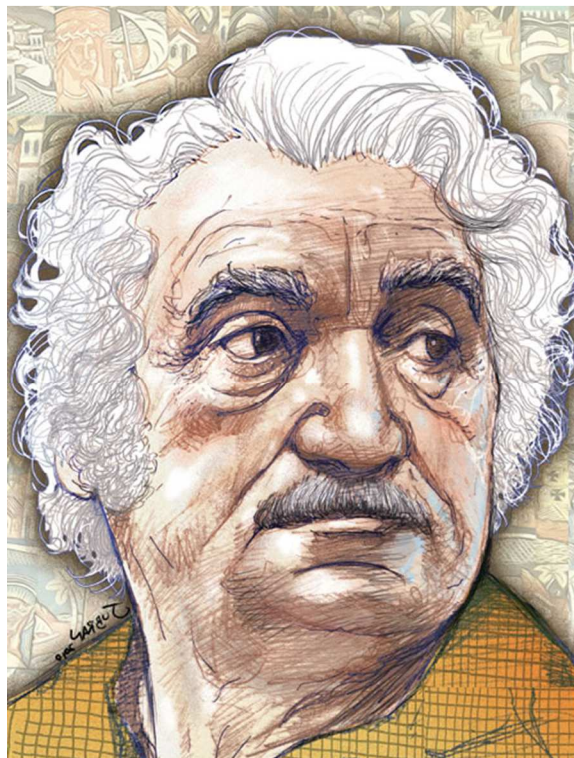


CENTENÁRIO DE JORGE AMADO

«MINHAS MEMÓRIAS DE UMA LISBOA PROIBIDA»



1. ESCRITORA MARIA DE LURDES BELCHIOR

VEIO DO RIO DE JANEIRO A LISBOA PARA ME DEFENDER

Foi na época de minha volta à França que também se resolveram de certa forma as minhas dificuldades com Portugal. Eu pedira um visto e recebi uma recusa categórica. Mas, como adido cultural de Portugal no Rio, havia uma jovem, uma escritora, Maria de Lurdes Belchior, e na nossa embaixada em Lisboa, Odylo Costa Filho, pai de Pedro, meu genro — que naquela época ainda não era meu genro. Os dois agitaram muito. Maria de Lurdes Belchior fez especialmente uma viagem do Rio a Lisboa para protestar: «É o maior escândalo do mundo! Como vocês podem negar um visto a Jorge Amado — eu já era membro da Academia — quando até mesmo a Espanha lhe deu um!» Assim, quando meu navio chegou ao porto de Lisboa — eu tinha uma passagem para Espanha — , Odylo Costa Filho estava lá nos esperando, Zélia [esposa de Amado], eu e as crianças.

Desembarquei na escala de Lisboa, depois voltei ao navio na escala do Porto. E mais tarde, depois da França, depois da minha viagem à Europa, voltei a Lisboa para retomar o navio para o Brasil. Lyon de Castro, meu editor, organizara uma tarde de autógrafos. O governo português me deixou entrar, mas proibiu qualquer divulgação na imprensa. Entretanto, Lyon de Castro achou um jeito de fazer passar em dois ou três jornais um aviso sobre a sessão de autógrafos. Autografei livros das três da tarde até às dez da noite. Havia uma fila de três mil pessoas. Havia quem chegasse com uma mala cheia de livros... Fiquei tremendamente comovido.

2. CHEGADO AO AEROPORTO DE LISBOA, EU NÃO TINHA O DIREITO DE ULTRAPASSAR OS LIMITES DA SALA DE TRÂNSITO

Há algum tempo escrevi ao presidente Eanes, depois de ele me ter dado a comenda de Grão-Oficial da Ordem de Santiago da Espada, a mim, que fui em Portugal um escritor maldito, durante anos e anos, em todo o período Salazar. Mais tarde escrevi um texto que denominei «Memórias de Lisboa Proibida». Nele conto dois factos que aconteceram durante o tempo em que eu não podia entrar em Portugal. Houve um jantar que um grupo de escritores organizou para mim. Creio que foi em 1953. Eu devia fazer escala em Lisboa, e avisei meu amigo Ferreira de Castro, a quem eu queria ver. Eu não tinha o direito de ultrapassar os limites da sala de trânsito. Mas, como os portugueses tinham acesso à sala, os escritores decidiram alugar o restaurante da sala e me oferecer um jantar. Saí do avião e encontrei todos esses amigos, encabeçados por Ferreira de Castro (era muito ligado a ele, tínhamos uma profunda amizade). Estavam lá escritores que eu conheci em França, como Mário Dionísio, Alves Redol, Lyon de Castro, José Cardoso Pires, Álvaro Salema e outros. Havia também uma enorme quantidade de fotógrafos. Eu disse a Redol: «Quantos fotógrafos, quantos jornalistas!» Ah!, respondeu ele «há somente um nosso, todos os outros são da polícia...» Na saída, houve interpelações, e Ferreira de Castro teve que fazer um escândalo para impedir que alguns escritores fossem presos. Um jantar histórico.

3. ERA UM INDIVÍDUO QUE A GENTE RECONHECE EM QUALQUER LUGAR COMO SE ESTIVESSE ESCRITO NO PEITO: "POLÍCIA SECRETA".

Outra vez, alguns anos mais tarde, eu voltava ao Brasil. Naquela época eu viajava muito, ia à Europa de tempos em tempos, por causa da minha atividade política: Movimento da Paz, Movimento Comunista, movimentos de intelectuais, etc. Eu conhecia os telhados de Lisboa, que se viam desde o avião, na chegada e na saída. De Lisboa eu só tinha um conhecimento literário, a do leitor apaixonado de Eça de Queirós que fui e ainda sou. Acho que é um dos maiores romancistas do mundo e de todos os tempos. Mas eu morria de vontade de conhecer Lisboa. Ora, vejam o que aconteceu: voltando de Estocolmo num avião da SAS, a última etapa fora de Zurique, e de lá a Lisboa eram quatro horas de viagem — isto foi antes da era dos jatos. Num dado momento, percebi que o avião estava descendo, que já sobrevoávamos uma cidade com pouco mais de três horas de voo. Perguntei o que estava acontecendo. Acontecera que todos os empregados da SAS, pilotos, comissários, aeromoças entraram em greve e os aviões se reuniam no aeroporto mais próximo. Fomos informados: «Para não atrapalhar os passageiros, aceleramos a velocidade do voo e chegamos a Lisboa, onde vocês encontrarão aviões de outras companhias, assim como as correspondências para a América Latina.» Viajava comigo Arnedo Alvarez, secretário-geral do Partido Comunista Argentino. Voltava da União Soviética e transportava uma pasta cheia de documentos, todas as reuniões que tivera com os dirigentes soviéticos, etc. Expliquei-lhe o que estava acontecendo. «Vamos descer em Lisboa... O que você acha da situação?» O que eu podia pensar? Não tínhamos culpa de nada, tudo o que podia nos acontecer é que nos deixassem permanecer na sala de trânsito e sair somente para tomar outro avião. Bem. Aterrissámos em Lisboa. O pessoal da SAS nos informou que o próximo voo seria num avião da Swissair, no dia seguinte pela manhã. Era fim de tarde, cinco horas, em pleno Inverno, a cidade sob um céu carregado de nuvens. Registrei-me para esse voo e Alvarez também. Disseram então que nos levariam a um hotel, e que a companhia custearia as acomodações. Chegámos ao guichet de controle da polícia: «Passaporte.» Um olhar para o passaporte, outro para mim, e recebi um visto de vinte e quatro horas, assim como Arnedo Alvarez (ele com a pasta que guardava junto de si, e

eu o aconselhei a deixá-la no aeroporto; ele se negou energicamente, não podia separar-se de seus documentos e das reuniões com os soviéticos). Depois da polícia, era a alfândega. Eu levava pouquíssima bagagem de mão, sabonete, pasta de dentes, etc. Os funcionários da alfândega queriam revistar tudo. E, atrás de mim, Alvarez com sua pasta... Se eles abrissem a pasta, com todos os relatórios soviéticos, seria um desastre. Então comecei a fazer um fuzué dos diabos a respeito da minha valise: «Não admito que a abram... Estou em trânsito...» Fiz tal alarido que o funcionário português ficou um pouco preocupado, não abriu minha mala e nem sequer olhou para a pasta de Alvarez. Fomos para o hotel. Na nossa chegada já se encontrava na recepção, ao lado do porteiro, o tira clássico, típico, com sua capa impermeável — um indivíduo que a gente reconhece em qualquer lugar, como se estivesse escrito no peito: "polícia secreta".

4. O HOMEM FICOU NA PORTA ME ESPERANDO.

TALVEZ NÃO TIVESSE DINHEIRO PARA JANTAR, COITADO...

Subi para o meu quarto e descí cinco minutos depois, porque queria ver Lisboa. O cara do impermeável estava lá. Saí, para ir ao Rossio. Indicaram-me a direção, era perto do hotel. Comecei a caminhar, as luzes da cidade iam acendendo. No Rossio achei uma livraria, entrei, comprei livros, e lembro-me que o vendedor me olhava o tempo todo, como se me reconhecesse, mas havia o tal tira atrás de mim, a não mais do que um metro de distância. Deixei o Rossio e comecei a andar rapidamente por Lisboa, minha Lisboa de Eça de Queirós. Eu era bom andador, magro naquele tempo, 56 quilos com roupa e tudo, era rápido, um caminhante infatigável. E eu ia, seguido pelo meu policial, pa-pa-pa-pa-pa... (...) e entrei numa taberna. O homem ficou na porta me esperando. Talvez não tivesse dinheiro para jantar, coitado... quase o convidei. Saí, retomei minha preambulação até o meio da noite, e ele sempre atrás de mim, até o hotel, onde entrou, e só desapareceu quando eu já estava no elevador. No dia seguinte, o avião chegou muito cedo, tive que deixar o hotel de madrugada: a primeira pessoa com quem me deparei quando descí foi o mesmo tira. Ele subiu comigo no ônibus e acompanhou-me até o avião. Eu cruzara Lisboa durante toda a noite.

(...) Estas são minhas memórias de uma Lisboa proibida: a escala forçada e o jantar tão corajoso, que foi uma bela manifestação de solidariedade entre escritores.